

As redes socioespaciais no âmbito da atuação do movimento dos trabalhadores sem-teto de Pernambuco: uma estratégia à construção da emancipação popular

Otávio Augusto Alves dos Santos¹

Resumo

O objetivo desse trabalho é demonstrar como as redes socioespaciais são constituídas no âmbito da atuação do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de Pernambuco (MTST/PE). Para tanto, procuramos tecer algumas considerações a respeito do tema das redes nas ciências sociais, dando destaque a forma através da qual a Geografia deve tratar esse assunto. Depois, apresentamos de maneira sucinta os resultados da pesquisa elaborada pelo autor, onde foram elencadas as diferentes práticas espaciais desempenhadas pelo MTST/PE. Por último, realizamos uma reflexão sobre a prática da construção de redes socioespaciais na trajetória do MTST/PE. Vimos que essas redes são responsáveis pela radicalização das lutas do referido movimento, pois por meio delas é que são definidas suas estratégias de emancipação popular.

Palavras-chave: Redes socioespaciais; Movimento sem-teto; Práticas espaciais.

Redes socio-espaciales en la actuación del movimiento de trabajadores sin vivienda de Pernambuco: una estrategia para la construcción de la emancipación popular

Resumen

El objetivo de este trabajo es demostrar cómo las redes socio-espaciales se constituyen en la actuación de los Movimiento de los Trabajadores Sin Vivienda de Pernambuco (MTST/PE). Con este fin, se busca hacer algunas observaciones sobre el tema de las redes en las ciencias sociales, destacando la forma en que la Geografía debe abordar esta cuestión. Después, presentamos de manera sucinta los resultados de la investigación llevada a cabo por el autor, donde se enumeraban las diferentes prácticas espaciales realizadas por MTST/PE. Por último, hacemos una reflexión sobre la práctica de la construcción de redes socio-espaciales en la trayectoria del MTST. Vimos que estas redes son responsables por la radicalización de las luchas de ese movimiento, porque a través del mismo es que se definen sus estrategias de emancipación popular.

Palabras clave: Redes socio-espaciales; Prácticas espaciales; Movimiento sin vivienda.

Socio-spatial networks in the performance of the movement of homeless workers of Pernambuco: a strategy for the construction of social empowerment

Abstract

The aim of this paper is to demonstrate how socio-spatial networks are constituted in the actuation of Movement of Homeless Worker of Pernambuco (MTST/PE). To this end, we seek to make some observations about the networks subject in the social sciences,

¹Mestre em Desenvolvimento Urbano e Doutorando em Desenvolvimento Urbano pela Universidade Federal de Pernambuco.

especialmente sobre a maneira na qual a Geografia deve estudar esta questão. Após apresentarmos sucintamente os resultados da pesquisa conduzida pelo autor, onde foram listadas as diferentes práticas espaciais realizadas pelo MTST/PE. Por fim, apresentamos uma reflexão sobre a prática de construção de redes socioespaciais na trajetória do MTST/PE. Temos visto que essas redes são responsáveis pela radicalização das lutas deste movimento, pois é através delas que são definidas as estratégias para a emancipação popular.

Key words: Socio-spatial networks; Spatial practices; Homeless movement.

Introdução

Como diria Porto-Gonçalves (2006), há uma série de movimentos sociais no mundo contemporâneo cuja compreensão de sua natureza sociológica e de suas ações individuais e coletivas obriga-nos a considerar o seu espaço de vida. Um exemplo desse tipo de movimento é o dos sem-teto, que como já demonstrado em Santos (2013), constantemente lança mão de um conjunto de práticas espaciais.

Uma das práticas levada a termo pelos movimentos dos sem-teto, especialmente o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto de Pernambuco (MTST/PE), é a construção de redes socioespaciais. Essas redes, a nosso ver, são responsáveis pela radicalização das lutas do referido movimento, pois é por meio delas que o MTST/PE elabora suas estratégias de emancipação popular.

No trabalho em tela, versaremos a respeito dessas redes socioespaciais, demonstrando como elas se materializam no âmbito da atuação do MTST/PE. Na primeira parte, procuraremos tecer algumas considerações a respeito da emergência do tema das redes nas ciências sociais, dando destaque a forma pela qual a Geografia deve tratar esse assunto. Na segunda parte, apresentaremos resumidamente os resultados de uma pesquisa elaborada pelo autor, onde foram elencadas as diferentes práticas espaciais desempenhadas pelo MTST/PE. Por fim, procuraremos realizar uma reflexão sobre a prática da construção de redes socioespaciais no conflituoso processo de conquista da emancipação popular que, a nosso ver, tem ocorrido no interior desse movimento.

Algumas considerações a propósito das redes socioespaciais e dos movimentos sociais contemporâneos

As redes sociais correspondem a um dos mais instigantes e controversos temas da atualidade, não apenas por que sintetizam uma das formas mediante a qual a economia global constitui seus principais fluxos financeiros, ou mesmo por que tem sido surpreendentemente subvertidas e transformadas em meio de articulação sócio-política

para os ativismos contemporâneos, mas, sobretudo, por que marcam decisivamente as formas de atuação da sociedade politicamente organizada e dos movimentos sociais mais consolidados.

O tema das redes sociais é um dos mais discutidos no interior das ciências sociais, especialmente na sociologia e na antropologia. Como afirma Scherer-Warren (1999), nestes campos disciplinares, as redes são geralmente tratadas enquanto conjunto de relações de parentesco, de vizinhança, de afinidades, ou de articulações políticas, ideológicas etc. Trata-se, na verdade, de um assunto basilar à abordagem sociológica, uma vez que nessa disciplina as redes são interações sociais sobre as quais surge todo um tecido social. Os homens, seres sociais por excelência, constituem cotidianamente redes de interações sociais dos mais diversos tipos e com os mais diversos objetivos, de forma a reagrupar campos da sociedade no âmbito de uma estrutura social maior.

As redes são também estratégias de ação política desempenhadas pelos movimentos sociais contemporâneos sob o fito de ultrapassar o associativismo local, galgando, segundo Scherer-Warren (2006, n.d.), “formas de articulação inter-organizacionais” (quando se tratam de ações sociais de caráter mais institucional) ou, então, apenas “mobilizações na esfera pública” (quando se tratam de ações ou manifestações sociais mais pontuais ou conjunturais). Atualmente, por meio das redes sociais, os movimentos sociais têm estabelecido articulações político-pedagógicas que tendem a alargar seu raio de atuação, tornando-os mais radicais.

Enquanto geógrafos, somos levados a compreender as redes sociais considerando outros aspectos, como o espaço e o lugar. Nesse sentido, faz-se mister lembrar que sociedade e espaço se co-constituem, em um processo onde a sociedade está para o espaço assim como o espaço está para a sociedade. Nas ações que envolvem a construção de redes sociais não é diferente, pois sempre ocorre concomitantemente a constituição de uma rede socioespacial. Aliás, da mesma forma que alguns grupos sociais se constituem em ações calcadas em rede, esses mesmos grupos também produzem seus espaços por meio de redes socioespaciais.

Para a Geografia, as redes socioespaciais são sistemas de relações entre diferentes localidades do espaço geográfico, ou como diria Corrêa (2005, p. 105), “um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações”. As localidades, obviamente, correspondem aos “nós” do sistema, enquanto que as relações são as diferentes vias de comunicação e transporte entre essas localidades.

O temário das redes é antigo na geografia e remonta desde a Teoria das Localidades Centrais, formulada por Walter Christaller, passando pelos estudos das redes urbanas até as teorias sobre a globalização. Para Santos (1998), por exemplo, as redes socioespaciais se constituem a partir de fixos e fluxos. Os elementos fixos são os nós da rede e geralmente representam os centros urbanos, os fluxos são os meios que garantem as interações entre os fixos, ou seja, o transporte de mercadorias e informações.

Mas o que nos interessa neste trabalho é perceber que as redes socioespaciais são também constituídas no cotidiano das sociedades e, sobretudo, pelos movimentos sociais contemporâneos. Frequentemente, os movimentos sociais são levados a tecer redes socioespaciais que visam interligar os seus espaços de vida, de forma a fortalecer suas lutas. É interessante também notar que essas redes nunca se estabelecem em uma única escala geográfica, pois normalmente os movimentos sociais se articulam com coletivos regionais, nacionais e até internacionais, aumentando ainda mais a abrangência e o impacto de suas lutas, tornando-as radicalmente transformadoras por que mais voltadas à emancipação social.

As diferentes práticas espaciais empenhadas pelo MTST/PE

As redes socioespaciais são uma dentre outras práticas espaciais empenhadas pelo MTST/PE. Em pesquisa realizada pelo autor a respeito das práticas espaciais desenvolvidas pelo MTST/PE na Região Metropolitana do Recife, as redes sociais se fazem presentes enquanto uma estratégia que ainda está sendo gestada, mas que já tem apontado para a possibilidade de atribuir à atuação desse movimento um caráter mais abrangente e emancipador.

Para entender como isso se processa, é preciso conhecer antes as demais práticas espaciais desempenhadas pelo MTST/PE. Na referida pesquisa foram identificadas as seguintes: a *territorialização*; a *ressignificação de lugares*; e a referida *construção de redes socioespaciais*. Como esclarecido na própria dissertação do autor, nosso estudo tomou por base o trabalho de Souza (2010), para quem há seis práticas espaciais provenientes dos ativismos socioespaciais urbanos contemporâneos: a *Territorialização em sentido estrito*; *Territorialização em sentido amplo*; *Refuncionalização/reestruturação do espaço material*; *Ressignificação de lugares*; *Construção de circuitos econômicos alternativos*; *Construção de redes espaciais*. Não usamos as mesmas definições do autor, pois nosso objetivo era identificar as práticas do MTST/PE em sua atuação real. Mas queremos deixar claro que esse trabalho de Souza, assim como muitos outros, influenciou

decisivamente nosso trabalho e ainda tem fundamentado nossos estudos a respeito dos movimentos sociais da Região Metropolitana do Recife. Agora, vejamos cada uma das três práticas destacadas.

i) Territorialização:

As ocupações são os principais tipos de territorialização realizados pelo MTST/PE em sua própria atuação. Grosso modo, tratam-se de ações coordenadas que visam se apropriar de certos espaços da cidade para, a partir dali, desencadear um processo de resistência e luta pela conquista de moradias (Figura 01).



Figura 01: **Segunda Ocupação Campo Grande, mais conhecida como “Favela de Plástico”**

Foto: Otávio Santos, 2013.

Das cerca de 48 ocupações realizadas pelo MTST em sua trajetória no estado de Pernambuco, muitas ainda se encontram politicamente atuantes. Em geral, quase todas elas surgiram de um conjunto de ações muito bem arquitetado entre as lideranças e as famílias, como se pode conferir na fala que segue:

Nas ocupações, a gente fazemos um levantamento do terreno, né?! E convidamos as famílias, vamos de porta em porta e explicamos para as famílias qual é o objetivo do movimento, qual é o trabalho que o movimento faz pra conquistar a moradia. E a gente fazemos reuniões. Nós temos de oito à dez reuniões. E depois dessas dez reuniões, a gente ocupamos o terreno ou prédio, dependendo do que seja (Entrevista realizada com membro da coordenação estadual do MTST/PE, em 29/12/2012, em Recife).

Embora uma ocupação signifique, pelo menos *a priori*, uma ação que visa obter ganhos materiais, como uma moradia, ela também corresponde a uma prática política

fundamentada em relações de poder, e que visa fazer frente ao modelo de organização socioespacial hegemônico, uma vez que, frequentemente, se sobrepõem ao regime de propriedade burguesa, instaurando outros tipos de direito de propriedade.

Outros importantes tipos de territorialização realizados pelo MTST/PE são as passeatas e os protestos. Embora sejam usualmente tratados como correlatos, as passeatas geralmente são mais “pacíficas” e possuem uma certa periodicidade. Os protestos ocorrem apenas diante de um contexto socioeconômico ou político desfavorável, sendo mais contundentes. Assim, as passeatas são caminhadas coletivas coordenadas que ocorrem pelos espaços públicos no intuito de chamar a atenção da sociedade para a bandeira e para os princípios que fundamentam o movimento, bem como para os problemas que o movimento procura combater. Já os protestos podem envolver caminhadas ou a simples aglomeração de pessoas em espaços públicos, onde se entoam palavras de ordem que visam se opor a alguma conjuntura (Figura 02).



Figura 02: **Protesto realizado pelo MTST em 15/07/2010, no centro do Recife/PE**

Fotografia: Elian Balbino, publicado no portal Diário de Pernambuco no dia 15/12/2010; Disponível em: <http://www.old.diariodepernambuco.com.br/vidaurbana/nota.asp?materia=20100715073113>; Acesso em: 22/12/2013

Em uma passeata ou em um protesto, os sem-teto se apropriam de certos espaços, depois desterritorializam e reterritorializam, em uma dinâmica irregular. Esse território fluido e muitas vezes caminhante, fundamentado em relações de poder, passa a se constituir mediante um conflito em relação ao resto da cidade, conflito esse que

envolve o papel dos espaços públicos e a necessidade de manifestar o descontentamento frente aos desmandos do poder econômico e do político.

Cabe ainda registrar um outro tipo de territorialização levado a termo pelos sem-teto. Tratam-se das territorialidades individuais ou familiares que se materializam no interior das ocupações. Cada ocupação se dispõe em um acordo mútuo entre os sem-teto e a cúpula maior do movimento, sendo que cada ocupante possui seu próprio espaço, o barraco (quando se trata de ocupações de terrenos urbanos) ou cômodo (quando o espaço ocupado é um edifício). Esse território familiar dentro da ocupação é onde eles executam suas atividades mais íntimas e onde as regras e normas de coabitação são determinadas no âmbito familiar. Fora desses territórios, as regras e normas de coabitação são definidas pelo conjunto da ocupação e do movimento e geralmente servem para o usufruto de todos nos momentos de reunião ou mesmo nas atividades educativas e lúdicas. As ocupações se constituem, conseqüentemente, em um arranjo muitas vezes conflituoso de pequenos territórios familiares e coletivos (Figura 03).



Figura 03: **Parcelamento da ocupação para a construção dos barracos**

Foto: Otávio Santos, 2010.

ii) Ressignificação de espaços:

Trata-se do processo através do qual os sem-teto conseguem atribuir novos significados, novos valores e novos usos a certos espaços da cidade. Muitas vezes, tal prática ocorre como justificativa para a ocupação, pois é comum entre os sem-teto o

argumento segundo o qual as ocupações podem por fim a lugares abandonados da cidade que antes serviam apenas para a prostituição e para o tráfico de drogas. Os sem-teto, portanto, buscam atribuir outros valores aos lugares obsoletos da cidade, aos terrenos esquecidos ou que são objetos de especulação imobiliária, uma vez que defendem a possibilidade de transforma-los em habitat para os desabrigados.

Entretanto, nunca foi essa a imagem que os meios de comunicação de massa repassaram para o conjunto da sociedade. De maneira diferente, as ocupações sempre foram tidas como uma grave violação ou simplesmente atos de vandalismo. Vale destacar que os principais veículos de comunicação da RMR são de propriedade de grandes empresários do campo da construção civil e também grandes proprietários de terra. Por isso, nunca esteve entre seus interesses produzir uma imagem fidedigna da realidade dos sem-teto. Pretensamente, esses agentes do espaço urbano sempre propagaram seus interesses como os melhores para o conjunto da cidade, criminalizando os excluídos e legitimando seus projetos para o espaço urbano.

Na prática da resignificação dos espaços é que se percebe mais nitidamente o caráter de classe da luta dos sem-teto, pois sempre houve uma luta ideológica muito forte entre a visão burguesa das ocupações e da cidade e a visão dos excluídos. Nas ocupações e nos protestos, os sem-teto também resignificam muitos outros aspectos da cidade, como o papel da propriedade urbana. Ao ocupar, os sem-teto realçam a necessária função social dessas propriedades, demonstrando que não basta ter o título de posse para dispor como quiser dos terrenos ou edificações, uma vez que é necessário usa-los, antes de tudo, para o benefício da sociedade.

Nas ocupações e protestos, os sem-teto também resgatam o sentido principal dos espaços públicos, reafirmando o seu real papel que é o de reunir os cidadãos para a atividade política. Os sem-teto, portanto, possuem a capacidade de reaver o sentido de polis das cidades, indo de frente a noção de espaço apenas à acumulação do capital imposta pelo modo de produção capitalista.

iii) Redes socioespaciais:

As ocupações e o próprio movimento não atuam sozinhos ou de maneira isolada. Assim como a grande maioria dos ativismos contemporâneos, o MTST/PE frequentemente tece uma vasta rede de cooperação entre as próprias ocupações, o movimento e muito outros coletivos organizados situados na mesma ou em outras escalas. Essa rede de cooperação efetiva-se com vistas a aumentar a eficácia das

práticas do movimento, bem como as possibilidades de conquista das moradias para as famílias.

O MTST/PE mantém relações estreitas com inúmeros órgãos, instituições e coletivos organizados, desde os mais burocráticos e consolidados até aqueles que não possuem caráter formal. Por exemplo, desde o início de sua atuação, o MTST/PE possui um forte vínculo com a ONG Federação dos Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), mas durante a ocupação do tradicional edifício Trianon, no centro do Recife, em 2010, o movimento estabeleceu vínculos com inúmeros coletivos autônomos de estudantes e de trabalhadores. Neste próximo item demonstraremos a complexidade dessas redes socioespaciais construídas pelo MTST/PE, na medida em que também procuraremos compreender em que sentido essas redes contribuem na elaboração coletiva de estratégias à emancipação das famílias sem-teto.

A construção de redes socioespaciais enquanto estratégia de emancipação popular

Como dito, os sem-teto constantemente lançam mão de redes socioespaciais como forma de fortalecer suas lutas. Essas redes podem se estabelecer entre as ocupações e os mais diversos coletivos organizados. Há, assim, um primeiro nível dessas redes, que é aquele estabelecido entre as ocupações. Nenhuma ocupação está isolada, pois cada uma sempre mantém uma relação de ajuda mútua com as outras, envolvendo, sobretudo, um trabalho educativo para as lideranças locais, conforme a fala abaixo:

Nós temos a coordenação estadual que trabalha pra fazer o levantamento das famílias né, isso nós já temos o terreno né. E temos também a coordenação local, que trabalha diariamente, vinte e quatro horas no ar. E a gente exige que nosso coordenador more dentro da ocupação, pra estar por dentro de todo o trabalho, dentro da ocupação. Por que eu vivo na minha casa né, eu como coordenadora estadual, eu vou lá e passo lá dois a três meses, ajudo o coordenador local, quando eu vejo que está adequado pra trabalhar com aquelas famílias, eu saí, volto pra minha casa e vou pra outra ocupação. Então, que nem mesmo na ocupação de Campo Grande, nós temos Cristiane e o esposo dela que trabalha com nosso movimento lá, né?! Passei lá três meses e quinze dias trabalhando com ela, dizendo à ela como poderia ser o processo, “tudinho”, como trabalhar “tudinho”, como trabalhar com as famílias. Não querer se envolver demais, porque tem gente que acha que ser coordenador é ser uma autoridade né, e não é isso, ser coordenador é ser parceiro, é ser amigo, é ser companheiro da família e dividir os problemas, tanto pessoal como problemas de toda maneira. E eu passei três meses lá, e quando eu saí de lá, eu fui para o Cabo, porque a gente tinha feito uma ocupação no Cabo recente, vai fazer um ano, e eu passei no Cabo, dois meses lá no Cabo, trabalhei com Claudivânio e com a Ana e depois eu saí de lá e estou indo pra Petrolina (Entrevista com membro da coordenação estadual do MTST/PE, em 29/12/2012, em Recife).

O segundo nível dessas redes socioespaciais é aquele estabelecido entre as ocupações e a cúpula do movimento. Neste sentido, o MTST/PE promove periodicamente projetos educativos com vistas a solidificar a coesão de todo o movimento. Neste mesmo viés são promovidos os encontros bianuais que são realizados também como forma de propiciar um ambiente de formação político-pedagógico para as lideranças e para as famílias sem-teto:

(Sobre os encontros estaduais...) As nossas reuniões são pra fazer, primeiro, uma avaliação pra saber como é que foi todas as nossas atividades, nossos atos, né?! É mais pra isso, e avaliar, né?! Olhar um para o outro, olhar para as nossas ocupações, olhar para os empreendimentos, dizer: "avançamos onde? Erramos onde? Vamos começar de novo ou vamos dar continuidade?". Então é nos avaliar! Depois é para montar nossos próximos passos. Nos organizar para daqui a dois anos, como é que a gente vai agir? Então é montar o nosso cronograma realmente de atividades, de cursos, de palestras. E, por fim, é a nossa eleição de coordenação estadual, né?! A gente elege a cada dois anos a nova coordenação estadual. E dentro desse momento, dessa avaliação, desse planejamento e da eleição, a gente trabalha com políticos, a gente trabalha com a questão de gênero etc. A gente tenta fazer desse encontro estadual um encontro de formação, até porque são pessoas novas que estão entrando no movimento [...] A gente faz também uma análise de conjuntura, para ficar sabendo com é que está a política no Brasil. Nosso encontro é realmente para a gente se avaliar, nos formar, nos preparar para o futuro e a nossa eleição de coordenação (Entrevista com membro da coordenação estadual do MTST/PE, em 09/01/2013, em Recife).

Há, ainda, um terceiro nível dessas articulações em redes que é aquele estabelecido entre o movimento, as ONGs e as demais organizações que prestam apoio e assessoria ao movimento. Como dito, há uma série de organizações ligadas à luta pelo direito à cidade, sobretudo ao Fórum de Reforma Urbana, que cooperam técnica e político-pedagogicamente como o movimento. Neste sentido, vale destacar o papel de ONGs como a "Habitat para Humanidade" que presta assessoria técnica em projetos habitacionais alternativos e tem auxiliado o movimento na construção de um conjunto habitacional no município de Paulista. Já as ONGs FASE e Equipe Técnica de Assessoria, Pesquisa e Ação Social (ETAPAS), assim como o instituto de pesquisas Observatório Pernambuco, ligado à rede Observatório das Metrôpoles, procuram prestar um serviço educativo de formação, como os "Cursos de políticas públicas e gestão urbana para Conselheiros Municipais". Nesses cursos as lideranças são orientadas a realizar uma participação mais efetiva nos inúmeros espaços institucionais existentes.

Por fim, há quarto nível de articulação e construção das redes socioespaciais por parte do MTST/PE, que é aquele estabelecido entre o movimento e as demais organizações nacionais e internacionais que procuram debater e lutar pelo direito a

cidade. Nessa escala encontram-se a União Nacional por Moradia Popular (UNMP), o Fórum Nacional de Reforma Urbana (FNRU) e a *Secretaria Latinoamericana de Vivienda Popular* (SeLVIP). O MTST/PE possui, assim, uma vasta e interescalar redes de articulações que, como veremos mais a frente, têm servido enquanto estratégia para a radicalização de suas lutas (Figura 04).

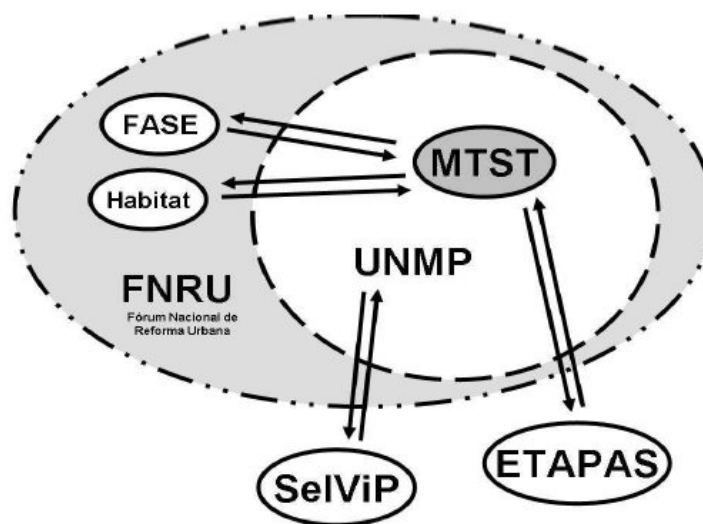


Figura 04: Esquema com as atuais articulações técnicas, políticas e pedagógicas do MTST/PE

Elaboração: Otávio Santos, 2010.

Antes disso, vale acrescentar que o movimento já realizou uma série de outros vínculos pontuais que não chegaram a constituir uma rede, mas que foram importantes em momentos específicos, porque auxiliaram o movimento em sua atuação. A relação com certos setores do Estado é um exemplo neste sentido. Em algumas ocupações, as lideranças locais chegaram até a construir parcerias com a polícia militar, na tentativa de atenuar as ocorrências criminosas dentro das ocupações e permitir que o trabalho de resistência e luta não seja popularmente associado à violência.

Outros vínculos são também estabelecidos conjuntamente com coletivos organizados de estudantes e trabalhadores como forma de apoio e solidariedade desses últimos para com as famílias sem-teto. É o caso do que ocorreu com a ocupação do edifício Trianon, no centro do Recife. Nessa ocasião, o MTST/PE conseguiu dar uma visibilidade tão grande às causas e às bandeiras do movimento que atraiu para si, naturalmente, toda sorte de apoio (Figura 05).



Figura 05: Cartaz da campanha estudantil de solidariedade à ocupação do edifício Trianon

Disponível em: <http://reciferesiste.wordpress.com/tag/edificio-trianon/>; Acesso em: 22/12/2013

O que pretendemos evidenciar ao apresentar de maneira sintética as redes socioespaciais constituídas no âmbito da atuação do MTST/PE é o fato de que elas atribuem ao movimento o necessário caráter revolucionário de que tanto explicitam nos discursos. Ao se articularem entre si, as ocupações transcendem seus desafios locais, contribuindo político-pedagogicamente para o fortalecimento uma das outras. De forma muito semelhante, ao se articular com organizações regionais, nacionais e internacionais de luta pela moradia e pela cidadania, o MTST/PE consegue alargar suas lutas, deixando de operar com questões puramente locais e conjunturais para também tratar temas mais abrangentes e estruturais.

É por isso que, no nosso entender, através da construção de redes socioespaciais, esse movimento passa a elaborar estratégias de emancipação popular, estratégias essas que se ainda não encontram maiores repercussões concretas no cotidiano da cidade, estão sendo gestadas pelo conjunto do movimento. É apenas no interior de sua rede socioespacial de articulações que o MTST/PE consegue perceber que a luta pela moradia digna e pelo direito à cidade nunca se efetivará pela simples conquista da habitação. De maneira diferente, é apenas questionando e enfrentando as maiores estruturas de poder que se pode vislumbrar uma cidade com maior justiça social e ambiental.

Por seu caráter interescalar, as redes socioespaciais constituídas pelo MTST/PE apontam para uma nova forma de articulação espacial das lutas sociais. Para usar um termo corrente, trata-se de um novo internacionalismo, típico dos ativismos urbanos contemporâneos e que, obviamente, pouco tem haver com o internacionalismo operário do início do século XX. Diz respeito, na verdade, a uma espécie de expansão em escala global das insurgências sociais que, deparando-se aos limites impostos à esfera local, articulam-se nas mais diferentes escalas e com os mais diferentes objetivos. Portanto, o MTST/PE tem se direcionado, em sua trajetória, para essa nova forma de atuação onde o agir local não é mais suficiente à emancipação das famílias sem-teto. Para usar o conceito sugerido por Swartz (1968) e defendido por Souza (2009), as ações do MTST/PE e de muitos outros movimentos sociais contemporâneos tendem não somente a operar com questões circunscritas no “campo” e nas “arenas primárias”, mas frequentemente transitam por outras arenas mais distantes e influentes. Isso tudo está particularmente evidenciado na fala que segue:

O MTST é um movimento social, organizado, com famílias que sonham e que lutam por este direito, pelo direito de ter um teto para morar. Mas uma casa pra morar num sentido amplo da palavra. Hoje nós não temos uma visão de querer lutar por uma casinha, naquela visão medíocre de que o pobre não tem nada e agora que tem uma casinha qualquer, tá bom demais! Nossa concepção está mais ampliada. Então hoje a gente luta por casas dignas para nossas famílias. Então o movimento sem-teto é esse movimento social que está inserido, dentro de outros movimentos espalhados no Brasil, na América Latina e no mundo, né?! Nós nos consideramos essa peça dessa engrenagem maior aí espalhada pelo Brasil a fora (Entrevista com membro da coordenação estadual do MTST/PE e coordenador nacional da UNMP, em 29/01/2013, em Recife) (destaques nossos).

Note-se que se trata de uma visão totalizante das lutas urbanas, visão essa que os fazem compartilhar a seguinte concepção a respeito da Reforma Urbana, por exemplo:

O conceito de Reforma Urbana é um troço muito ampliado. Ela vai desde o direito de você querer assistir um jogo de futebol num bom campo, vai a questão da acessibilidade, vai a da mobilidade, vai a questão da luta pela moradia, água, direitos dos animais etc. Então você tem uma porrada de coisas. Então nós que fazemos a luta urbana não encontramos a palavra-chave. Evidentemente que dentro desse mundo complexo, hoje, o movimento que mais se destaca hoje, no Brasil, na América latina e no mundo é o da luta pela moradia. Mas nós não podemos dizer que a Reforma Urbana seja apenas a luta pela moradia. Isso seria estreitar muito a visão do que é a Reforma Urbana. Hoje, nem um estudioso da Reforma Urbana, nem o Observatório e tal definiu com classe. Tem "n" definições, conceitos, que a sociedade não consegue assimilar, como assimila a Reforma Agrária (Entrevista com membro da coordenação estadual do MTST/PE e coordenador nacional da UNMP, em 29/01/2013, em Recife) (destaques nossos).

E a seguinte concepção a respeito de sua trajetória e de sua luta:

Acho que a transformação da cidade primeiro passa pela transformação da consciência das pessoas. Não se transforma a cidade se não transformar as pessoas do ponto de vista da concepção que ela tem em relação à cidade em que ela está inserida. Quer dizer, nos anos 70, os sem-teto viviam no sentimento de degeneração tão grande que para eles, para elas, o que restava para ocupar com dignidade, na sua velha concepção, era ocupar área de risco e beira de rio e mangue. Porque ela tinha uma consciência ingrata e um espírito de inferioridade tão grande que... No início dos anos 1980, quando a gente dizia que era para as famílias ocuparem lugares descentes, lugares bons, muitos deles diziam que isso não lhes cabiam... Por que o seu espírito e sua auto-estima estava tão baixa que a gente dizia assim: vamos ocupar na área central? E eles diziam: Sem-teto mora no centro?... Nos anos 90 nós conseguimos avançar, os sem-teto ficaram mais exigentes. Então eu acho que a contribuição que damos hoje, o movimento organizado, para a construção de cidades novas e cidade inclusas, ela se dá a partir dessa tomada de consciência das pessoas. E depois, fazer com que elas percebam que a cidade é para elas um espaço democrático e que não cabe a necessidade apenas de demarcar territórios privilegiados. Então como integrante do movimento... nós enxergamos o nosso papel como o elemento que coloca na agenda do dia a questão da democratização da cidade. E uma cidade democrática implica em construir moradia digna para as pessoas em todo o seu espaço, não é?! (Entrevista com membro da coordenação estadual do MTST/PE e coordenador nacional da UNMP, em 29/01/2013, em Recife).

Por fim, o que estamos tentando demonstrar é o fato de que, pelas redes socioespaciais, o MTST/PE passa a ambicionar questões mais abrangentes em escalas igualmente abrangentes. E isso longe significar o esfacelamento de sua luta, tende a proporcionar seu fortalecimento e visão estratégica.

Considerações finais

Vimos que o MTST/PE, na sua trajetória em Recife, tem se empenhado a concretizar diferentes práticas espaciais, sendo uma delas a construção de redes socioespaciais. Essas redes, por sua vez, correspondem a estratégias de emancipação popular constituídas com a finalidade de fortalecer a luta do movimento. Graças a construção de redes socioespaciais, o MTST/PE consegue transpor sua luta específica, bem como o quadro socioespacial local, dando visibilidade à sua bandeira ao passo que se integra a lutas sociais mais globais.

Assim, por exemplo, a articulação nacional com a UNMP e a articulação internacional com a SeLVIP atribuem um caráter mais universal à luta do movimento, fazendo-o transcender de sua realidade particular. Conforme o movimento vai se articulando com outras organizações em outras escalas, sua luta se torna parte integrante de uma outra luta cada vez mais universal, que agrega uma quantidade maior de temas e realidades particulares. Essa articulação, por sua vez, influi na estrutura e dinâmica do

movimento, fazendo-o atinar para questões que antes não eram levadas em consideração como, por exemplo, o papel da mulher na luta por moradia, o papel da juventude, a questão étnica, religiosa etc.

Essas redes estão longe de se concretizar de maneira plena na luta do movimento, uma vez que são práticas mais recentemente incorporadas à sua atuação. Contudo, mesmo sendo novidade, elas estão atribuindo, gradativamente, o necessário caráter revolucionário de que os sem-teto necessitam para, por meio de suas lutas, desencadear mudanças estruturais na cidade. Como dito, as redes socioespaciais se constituem em estratégias de ação política que podem possibilitar a emancipação das famílias sem-teto.

Referências

CORRÊA, R. L. **Trajetórias Geográficas**. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

PORTO-GONÇALVES, C. W. *A Geograficidade do Social: uma contribuição para o debate metodológico sobre estudos e conflito e movimentos sociais na América Latina*. **Revista Intergeo**, v. 4, p. 05-12, 2006.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, O. A. A. **Em Busca de Territórios Autônomos**: as práticas espaciais do Movimento dos Trabalhadores Sem-teto na Região Metropolitana do Recife. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco / Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano, Recife, 2013. 150p.

SCHERER-WARREN, I. **Cidadania sem fronteiras**: ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Das mobilizações às redes de movimentos sociais*. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 01, p. 109-130, 2006.

SOUZA, M. L. *Práticas Espaciais Insurgentes em um Mundo Globalizado: da “revolução molecular” à política de escalas*. In: MENDONÇA, Francisco et al. **Espaço e Tempo**: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: ANPEGE, 2009.

_____. *Com o Estado, Apesar do Estado, Contra o Estado: os movimentos sociais e suas práticas espaciais, entre a luta institucional e a ação direta*. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, n. 11, v. 7, p. 13-47, 2010.

SWARTZ, M. **Local-Level Politics**: social and cultural perspectives. Chicago: Andine, 1968.

*Recebido em Dezembro de 2013.
Publicado em Janeiro de 2014.*